

O

**| DISTOPIA? |** Lançado em 1982, *Blade Runner* tem trama que se passa em novembro de 2019 e apresenta visão futurista que ora se aproxima, ora se descola da vivência contemporânea

# FUTURO É PRESENTE

---

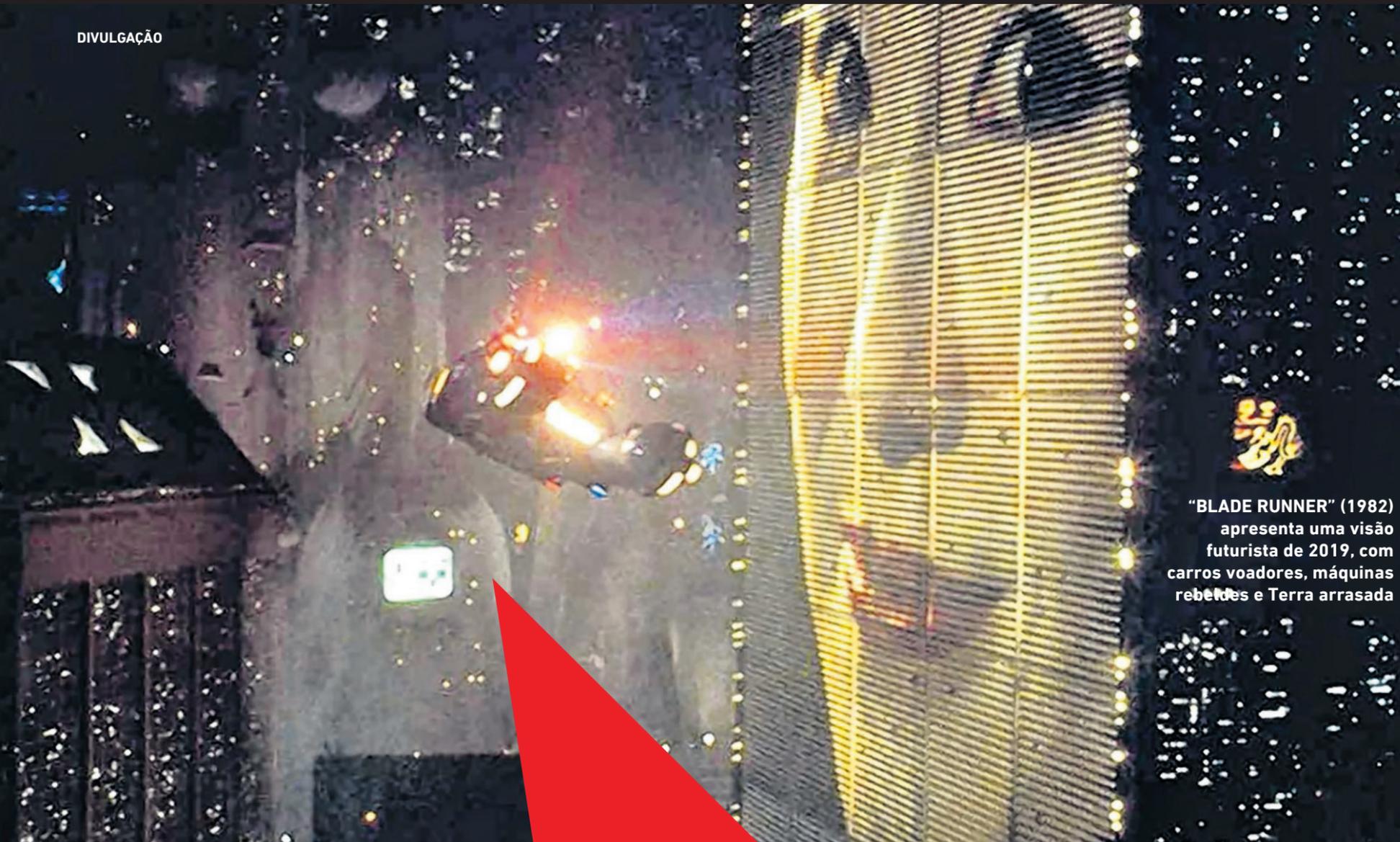
**JOÃO GABRIEL TRÉZ**

joagabriel@opovo.com.br

---

Ficções científicas são fonte inesgotável de reflexões possíveis sobre passado, presente e futuro. Uma das mais conhecidas se destaca no atual contexto por sua relação direta com o momento temporal no qual vivemos: em *Blade Runner: O Caçador de Androides* (1982), dirigido por Ridley Scott, a trama se passa exatamente em novembro de 2019. Entre super robôs iguais a humanos, carros voadores e visão pessimista do

DIVULGAÇÃO



“BLADE RUNNER” (1982) apresenta uma visão futurista de 2019, com carros voadores, máquinas rebeldes e Terra arrasada

DIVULGAÇÃO

porvir, aquele futuro então proposto no longa ora se distancia, ora se aproxima da realidade que vivemos, de fato, na contemporaneidade.

A trama do longa - que está disponível na Netflix - é inspirada no livro *Androides Sonham Com Ovelhas Elétricas?*, escrito por Philip K. Dick e lançado em 1968. Apesar de ser uma adaptação da obra literária para os cinemas, o filme não se prende à fonte original, utilizando-se somente da base do universo criado pelo autor. Em *Blade Runner*, acompanhamos Rick Deckard (Harrison Ford), que trabalha caçando replicantes - espécies de androides com aparência extremamente humana, mas dotados de habilidades para além do humano. Estes replicantes, criados por uma grande corporação já com data para serem inativados após poucos anos, eram utilizados em atividades nocivas no lugar dos próprios humanos, especialmente em colônias fora da Terra, mas acabavam se rebelando e passavam a ser perseguidos. A motivação narrativa do filme é a busca de Deckard por máquinas rebeldes que vieram a Los Angeles para procurar aumentar sua “data de validade”.

“Replicantes são como qualquer outra máquina: um benefício ou um risco”, afirma, a dada altura, o protagonista da trama. Tanto em 1968 - quando da publicação do livro de Philip K. Dick -, quanto em 1982 - no lançamento do filme -, quanto agora, as relações de poder, dominância e dependência

### “O medo das máquinas reflete-se na relação cotidiana que temos com elas”

**ROSELI GIMENES**  
Doutora em Tecnologias da Inteligência e Design Digital

entre o humano e a máquina são questões que perpassam a evolução tecnológica.

O tema foi abordado mais recentemente em livros, por exemplo, do filósofo sueco Nick Bostrom (*Superinteligência: Caminhos, perigos, estratégias*) e do professor de política na Universidade de Cambridge David Runciman (*Como a democracia chega ao fim*). Neste último, o autor reflete: “Nossa dependência dessa tecnologia nos deixa prontos para sermos explorados. Quem vai nos escravizar não serão os robôs assassinos. Bastam indivíduos inescrupulosos capazes de usar as máquinas em seu benefício. Em terra de dependentes da tecnologia, quem navega com

esperteza é rei”, diz assertivo. Runciman traz à discussão os escritos de Gandhi no livro *Hind Swaraj or Indian Home Rule*, escrito em 1909.

“Gandhi traça um retrato incrivelmente profético da era vindoura, dominada pela Amazon, pelo Uber e pelo HelloFresh”, escreve o professor, citando que o indiano previu um momento no qual “os homens não precisarão mais usar suas mãos e seus pés”, bastando apertar botões para que tenham roupas, notícias, transporte e comida. “Tudo será feito por máquinas”, atestou Gandhi. A visão um tanto próxima da ideia de distopia tem paralelos mais ou menos diretos com a relação que se vê hoje

da sociedade com a tecnologia.

“O medo das máquinas reflete-se na relação cotidiana que temos com elas. De panes das telas à perda de controle sobre o que guardamos em arquivos nas nuvens, é real. Não há quem não tema ficar sem controle de sua produção digital”, relaciona Roseli Gimenes, doutora em Tecnologias da Inteligência e Design Digital pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e coordenadora do curso de Letras da Universidade Paulista. No filme, as máquinas se colocam contra a humanidade de forma muito direta, corporal, mas é possível fazer comparações mais sutis do que está na ficção com o que vemos na

realidade hoje.

Os replicantes, por exemplo, podem ser ligados aos avatares dos perfis de redes sociais - que, assim como os androides de *Blade Runner*, são como o “próprio” humano em um “outro mundo”. Há ainda, apesar da pretensa superioridade da raça humana, indícios que a subserviência na relação entre ela e as máquinas é, por vezes, uma via de mão dupla. “Enquanto leio posts de amigos, inúmeras mensagens publicitárias vão ditando o que devo consumir. Dada uma única palavra no Google, recebemos um sem número de respostas. Uma angústia se apresenta: quem escreve? Quem dita o caminho?”, reflete Roseli.

(Continua na página 36)



# 2019 ONTEM E HOJE

PREVISÕES DE *BLADE RUNNER* QUE SE PROVARAM CORRETAS OU EQUIVOCADAS



## FERRAMENTAS TECNOLÓGICAS

Uma das primeiras visões de futuro que *Blade Runner* apresenta são carros voadores. Apesar de serem uma possibilidade eventual, estão longe de ser realidade corrente - assim como a morada fora do planeta Terra. Outro ponto é a identificação por voz, que já se vê. A maior aproximação tecnológica que a obra traz, porém, são as chamadas de vídeo - mesmo que, na época, os smartphones não tenham sido retratados e as conversas remotas aconteçam em espécies de "cabines".



## PUBLICIDADE DATADA

Na Los Angeles escura e deserta do longa, chamam a atenção os grandes painéis eletrônicos que funcionam como meio de propaganda para algumas marcas. Uma delas é a companhia aérea Pan Am, considerada uma das maiores dos EUA no século XX. Neste 2019, um anúncio da marca não faz sentido porque ela encerrou as atividades em 1991. Na produção do filme, porém, seria impensado que ela poderia fechar. O tempo provou o contrário.



## REPLICANTES NA ESSÊNCIA

A ideia dos androides fabricados com extrema semelhança ao ser humano tem alguns paralelos hoje, mas as questões de inteligência artificial e engenharia genética estão distantes do lugar proposto no filme. No entanto, é possível fazer ligação da ideia dos replicantes com as redes sociais - afinal, é por meio de "avatars" que temos nossas personas na Internet.

## O INALCANÇÁVEL RETROFUTURISMO DE BLADE RUNNER

Apostar no retrofuturismo foi um dos grandes trunfos de *Blade Runner*. Apesar de gerar um paradoxo quase inevitável (como algo que se pretende a falar de futuro se baseia mais no passado?), é uma estratégia que coloca o filme sempre em uma espécie de ponta quando se fala em prever.

Retrofuturismo é a união do que é retrô (passado, antigo, vintage) anexada a uma leitura de futuro. Aplicando à *Blade Runner*, temos muito mais do filme *Metropolis* (de Fritz Lang), que foi concebido em 1927, ou seja 55 anos antes da criação de Ridley Scott, do que de uma palestra do Elon Musk de 2019; e olha que ele é o fundador da Tesla, empresa que produz carros autônomos e de várias outras de tecnologia de ponta. Os prédios, a estética noir, os neons e as propostas do que seriam os elementos de futuro bebem de fontes que já haviam sido concebidas e não necessariamente de uma visão do novo, do avançado, ao mesmo tempo que entregam o avançado de maneira que os olhos dos espectadores não percebam aquilo como inalcançável, apenas como distante.

O ano escolhido para ser representado foi 2019, na esperança que dali a 37 anos (menos do que os 55 se comparado a *Metropolis*), os assuntos propostos fizessem sentido, mas também na ânsia de que o filme não precisasse ser atualizado

tão cedo. E não precisa, assim como jamais precisará se pensarmos bem. Ora, misturar o velho com o novo (no sentido de algo que sequer foi inventado ainda) coloca *Blade Runner* em um cenário seguro que, se alcançado, servirá apenas de estudo comparativo. Sendo assim, a obra não perde autoridade e propriedade sobre os temas apontados.

Elon Musk, no auge da sua proposta de levar o homem a Marte ou de popularizar os veículos autônomos, jamais conseguirá controlar o cenário em termos estéticos da maneira como Ridley Scott pôde (e permanece podendo) manipular. Em resumo, a realidade é chata e feia, e neon algum conseguirá nos aproximar da estética de um filme, de um imaginário, menos ainda um produto retrofuturista que um dia se baseou em outro, que se baseou em outro, e outro e por aí vai.

"O futuro sempre em movimento está", como diria Mestre Yoda, mas quando é enquadrado baseando-se no passado, é eliminada a necessidade de acertar com precisão e então é criada a essência de todas as obras futuristas: gerar forte inquietação em quem vive esse amanhã proposto.

**PH Santos** é membro da Associação Cearense de Críticos de Cinema

# PONTOS DE VISTA

## BLADE RUNNER E O TESTE DE TURING

Alan Turing, em 1950, desenvolveu critérios para determinar se uma máquina havia adquirido um nível de inteligência equivalente ao de um humano. O teste de Turing, como ficou conhecido, era se um ser humano dialogando com um computador em um canal somente de texto poderia identificar se conversava com uma máquina ou com outro ser humano. Passava no teste o humano que não soubesse distinguir entre o humano e a máquina.

O teste de Turing não é realmente um teste de inteligência; é um teste para determinar se um/a programador/a pode enganar um humano, acreditando que o computador também é um humano.

É interessante notar que o mesmo teste de Turing, desenvolvido nos anos 1950, ainda fundamenta tanto a ficção da década de 1980 como a indústria e comércio de produtos dotados de "Inteligência Artificial" no mercado atual. Afinal, o detetive Deckard, o protagonista de *Blade Runner*, ao se apaixonar pela misteriosa Rachel, passa pelo teste de Turing na medida em que testa em todas as oportunidades a possibilidade dela ser uma replicante, uma máquina inteligente, dotada de Singularidade.

Ou seja, em termos dos fundamentos, mesmo com todos os avanços desta parafernália tecnológica que constitui a experiência contemporânea, ainda nos apoiamos num teste de meados do século passado,

questionado teoricamente.

Eu acredito que as premissas da Singularidade Tecnológica baseadas na noção de que computadores serão um dia mais inteligentes que seus/suas criadores/as humanos/as são falsas. A noção de inteligência que a Singularidade Tecnológica promove não leva em consideração a dimensão total da inteligência humana. A inteligência humana não se baseia apenas em operações e cálculos lógicos, mas inclui também uma longa lista de outras características únicas para os seres humanos. Esta lista inclui curiosidade, imaginação, intuição, emoções, paixão, desejos, prazer, estética, alegria, propósito, objetivos, metas, valores, moralidade, experiência, sabedoria, julgamento e até humor.

O temor do domínio das máquinas alimenta uma mística em torno das Tecnologias de Informação e Comunicação, conveniente para o mercado desses produtos. Entretanto, a ideia de computadores que superem a inteligência humana é metafísica, apoiada na equivocada suposição de que é possível materializar em aço e bits entidades abstratas tais como mente, consciência ou espírito.

**Adriana Braga** é professora na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, pesquisadora CNPq e vice-presidente da Media Ecology Association/EUA